



João Bosco Mota Amaral

Marcelo em isolamento temporário

Vão ser dias difíceis aqueles que o Presidente da República decidiu passar em isolamento na sua casa de Cascais. Marcelo só está bem entre gente, comentando o que vê ou apenas presente, espalhando afetos e posando para selfies, como nos habituou nos seus três anos de mandato como Presidente de todos os Portugueses... Mas as coisas são como são - e no ambiente de quase pânico generalizado que se instalou, um pouco por todo o Mundo, perante a ameaça de uma pandemia veiculada pelo coronavírus, impugna-se um gesto convincente de cautela, que servisse também de exemplo para todos os cidadãos.

Antes, porém, do seu voluntário afastamento, o Presidente Marcelo pronunciou-se com inesperado vigor sobre a situação política nacional, apelando à estabilidade, criticando a governação sem rumo deste começo de mandato e avisando que não vai ceder a quaisquer pressões para eleições antecipadas, face a bloqueios políticos reais ou artificialmente criados. Para evitar situações limite recebeu a retoma do diálogo entre os partidos parlamentares. E disse ainda que não se pode aceitar que a legislatura se inicie num clima de fim de ciclo. Sábias palavras!

O Governo não pôde fingir que o recado não lhe era dirigido e começaram a aparecer apelos para entendimentos com os antigos parceiros da chamada Geringonça, Bloco de Esquerda, PCP e Verdes, acrescentando o PAN, não se percebe bem porquê. Qualquer entendimento ao centro com o PSD foi expressamente excluído, não fosse alguém pensar que o Governo do PS abandonava as suas marcas ditas progressistas e de esquerda, embora não se saiba exactamente em que elas se concretizam, para além das questões fracturantes do tipo liberalização da eutanásia ou outras que tais.

Será que tais apelos vão ter resultados? Só o tempo o dirá. Mas as primeiras reacções não foram muito animadoras. O Governo vai ter de continuar a fazer sozinho o seu percurso, tropeçando em sucessivas dificuldades no Parlamento, algumas delas resultantes da atitude arrogante de quem actua como se todo o poder lhe pertencesse, o que não é o caso nunca em democracia, muito menos quando não existe uma maioria parlamentar de apoio formalmente garantida.

Face à renitência dos seus antigos e pelos vistos novamente desejados parceiros, tem-se visto o Governo e o PS criticarem o PSD por não ser bonzinho e recusar apoio às propostas governamentais... Mas afinal, o que é que esperavam, quando mantêm uma atitude fechada perante o maior partido da Oposição, ao qual compete, constitucionalmente, isso mesmo: ser Oposição?

O Governo só se pode queixar de si próprio e das escolhas feitas após as eleições legislativas de Outubro passado. Não tendo conseguido a almejada maioria absoluta, optar por uma solução de governo minoritário, sem apoios garantidos, obriga a uma negociação permanente sobre tudo e mais alguma coisa, com as consequências que estão à vista em termos de paralisia da acção governativa e de crescente descrédito.

Os tempos que se avizinham não parecem ser animadores, na Europa e no Mundo. As incertezas económicas são várias e as respostas necessárias afiguram-se difíceis de obter em tempo útil. Especialmente chocante é o que se passa no seio da União Europeia, com infundáveis discussões sobre os recursos financeiros a disponibilizar para os programas em curso as novas prioridades.

Mas de portas para dentro não estamos melhor, porque aos problemas do dia a dia se soma agora uma séria crise de confiança no próprio regime, potenciada com os casos de corrupção na Justiça e nas Forças Armadas, envolvendo responsáveis de topo, que eram tidos por exemplares. E está longe de ser esquecido o trauma causado pela derrocada do sector bancário, hoje nas mãos de estrangeiros, em resultado de uma inqualificável operação de saque dos recursos nacionais, a benefício de uns quantos, que se continuam a passear por aí como se nada fosse com eles. Julgo que a dimensão do prejuízo causado não tem precedentes na História de Portugal!

O próximo mandato do Presidente da República, para o qual Marcelo Rebelo de Sousa tem vindo a preparar-se cautelosamente, vai ser muito exigente. Ignoro quem pôs a correr o mito da ultrapassagem da votação obtida por Mário Soares na eleição para o segundo mandato como objectivo do actual Presidente. Não faz sentido nenhum! Marcelo não vai virar a cara ao desafio dos que se preparam para concorrer às eleições presidenciais do próximo Inverno. Este isolamento temporário vai até permitir-lhe refazer forças para um combate político necessário, em prol da moderação e do diálogo democrático.

Nota final: O inesperado falecimento de António Marinho priva a Assembleia Legislativa dos Açores de um dos seus membros mais competentes e laboriosos. Açoriano de adopção, ele dedicou ao Parlamento Regional o melhor do seu saber e energias. Não tendo podido comparecer ao seu funeral por motivo de doença, aqui deixo registado o meu sincero pesar.

(O Autor, por opção pessoal, não respeita o assim chamado Acordo Ortográfico.)



Chryst Chrystello*

É a economia, estúpido, mas a saúde vem primeiro

Esqueçam a economia e pensem na saúde... vai ficar mais caro se formos infetados.

Não devíamos permitir a acostagem dos navios de cruzeiros previstos este mês em Ponta Delgada a menos que tenham estado de quarentena 14 dias e depois de serem testados... Penso eu que seria lógico fazer isto para prevenir... ou vamos permitir que um eventual infetado venha infetar toda a ilha???? Os cruzeiros têm elevado risco...

Copiemos Macau que vive do turismo e dos casinos e teve a coragem de fechar tudo por mais de duas semanas e evitar mais casos... E para aqueles que protestam, pois vivem do turismo, lembro o que se passa na turística Itália com esta imagem:



Todos dirão que não poderíamos viver sem o turismo, mas teremos de viver sem ele, logo que comecemos os casos infecciosos nos Açores. Mais vale prevenir agora, redobrar os cuidados, a triagem, intensificar as campanhas de lavagem de mãos e demais medidas antes que alastre. A Itália com

uma população envelhecida (a dos Açores também o é) está em 2º lugar no número de mortes, e tem mais recursos hospitalares do que nós nos Açores. Aumentem a triagem nos aeroportos e barcos, e, se assim o entenderem, fechem os Açores como Macau se fechou por um tempo... era doloroso ver casinos e ruas vazias mas agora estão sem nenhum caso e só tiveram dez casos infetados.

Alarmismo? Exagero? Talvez, mas continuo a pensar que há momentos em que é preciso coragem e mais vale prevenir agora do que tentar remediar depois... Dizem os médicos de Itália que a maior parte dos casos necessita de aparelhos de ventilação assistida e não os temos cá, nem sei se haverá suficientes nos hospitais portugueses.

Deixem de pensar no dinheiro e no turismo, pois sem saúde nem dinheiro, nem turismo.